



Revista da Associação
Portuguesa de Adictologia
Nº10 • 2025

ad- ictol- ogia

ÁLCOOL E CONJUGALIDADE: PENSAR A (IN)EVITABILIDADE DE CERTOS DESTINOS

ALCOHOL AND
CONJUGALITY:
IT IS URGENT TO THINK
OF THE (IN) AVOIDANCE OF
CERTAIN DESTINATIONS.
ANALYSIS OF THE STORY OF
LÍDIA JORGE “MARIDO”.

Autores

Zélia Teixeira¹; Luis Santos²; Margarida Soliz³ & Paula Dias⁴

¹ Psicóloga (PhD)

² Psicólogo (PhD), Universidade Fernando Pessoa

³ Psicóloga (PhD), Unidade de Alcoologia do Porto

⁴ Socióloga, CRI Porto Ocidental

RESUMO

Este artigo tem como base o conto *Marido* de Lídia Jorge¹, e propõe uma abordagem qualitativa interseccional, com recurso à análise temática, em torno do género, alcoolismo e dinâmica conjugal. A partir da seleção de um conjunto de repertórios discursivos desta obra relaciona-se a construção identitária feminina de si, de raiz essencialista, com a ideia de interação conjugal alicerçada na aceitação de uma (di)visão de papéis de género que fragiliza o desenvolvimento do pensamento crítico e a autodeterminação da mulher. Destacam-se várias dimensões explicativas associadas à resposta da mulher e esposa de um homem alcoólico e sublinha-se a pertinência do planeamento colaborativo de intervenções multidisciplinares afastadas de crenças e estereótipos perpetuadores de sistemas opressivos que colocam a mulher numa posição de vulnerabilidade e que potenciam intervenções menos eficazes.

PALAVRAS-CHAVE:

Género; Álcool; Dinâmica Conjugal.

ABSTRACT

This article is based on the tale *Marido* from Lídia Jorge¹, and proposes a qualitative intersectional approach, using thematic analysis, around gender, alcoholism and conjugal dynamics. From the selection of a set of discursive repertoires of this work, it is related to the feminist construction of feminine identity, of an essentialist root, with the idea of conjugal interaction based on the acceptance of a gender role (di)vision that weakens the development of the critical thinking and the self-determination of women. There are several explanatory dimensions associated with the response of the woman wife of an alcoholic man and it is underlined the collaborative planning of multidisciplinary interventions, far from believes and perpetuating stereotypes of oppressive systems that place women in a position of vulnerability and that make foster interventions less effective.

KEYWORDS: *Gender, Alcohol; Partners' dynamic.*

INTRODUÇÃO

Os aspetos relacionais associados à problemática individual da dependência alcoólica têm sido muito discutidos num movimento de tentativa de compreensão da múltipla teia de fatores que induzam, mantenham ou sejam potencial de mudança, no percurso de vida de quem faz um uso problemático desta substância. As esposas/parceiras deste tipo de sujeitos surgem pois, não só como quem partilha as vivências de sofrimento, mas como alguém que acompanha o cônjuge quando há tentativas de mudança, e que por isso se torna uma presença regular no contexto de tratamento. Desde os anos 50 do séc. XX que este grupo tem merecido alguma atenção por parte dos estudiosos do alcoolismo². Em termos históricos encontramos movimentos de compreensão que vão desde a tentativa claramente patologizante de classificar as esposas de alcoólicos de acordo com um reduzido número de categorias, passando pelas perspetivas de compreensão mais global que advêm, por exemplo, das correntes sistémicas, até aos modelos de contornos pós-modernos que descentram do indivíduo o foco de atenção, para o dirigir para os processos relacionais e sociais². Assim, na linha de investigação mais clássica encontramos dois vetores primordiais que orientam as investigações sobre quem são e como são estas mulheres: o primeiro, em que o comportamento da mulher é determinado pelos seus próprios traços de personalidade e que favorece o alcoolismo do marido^{3,4}; um segundo, em que a conduta desta mulher é determinada pela situação em que se encontra, relacionada com o alcoolismo do marido, e em que os diferentes estados de alcoolização do companheiro produzem alterações logicamente previsíveis no comportamento da esposa⁵. Como representantes do primeiro vetor vamos encontrar os trabalhos de Whalen⁴, que defendia que quem vivesse com um alcoólico mais de dez anos teria que o fazer com base numa necessidade patológica inerente à sua personalidade, procedendo, de seguida, à enumeração de quatro tipos de mulheres que aceitariam estas condições motivadas por necessidades

diferentes. Destas necessidades surgem quatro categorias: a mulher masoquista, a punitiva ou sádica, a dominadora ou diretiva, e finalmente a indecisa. Como padrão comum a estas mulheres teríamos uma grande necessidade de dependência que as levaria a escolherem um homem incapaz de as satisfazer e facilitando-lhes o domínio do casamento através da tomada dos papéis não assumidos pelo parceiro. Não demorou a que esta posição levantasse críticas entre os seus contemporâneos. Jackson⁶, reportando-se à anterior posição, não sustentava a existência de características patológicas na mulher do alcoólico que justificassem só por si a criação de um meio facilitador para o surgimento do alcoolismo do cônjuge. Para esta autora, as constelações de comportamentos patológicos exibidas pelas mulheres de alcoólicos (de acordo com a classificação de Whalen) poderiam representar formas alternativas de elas lidarem de uma forma apropriada com o stresse dos vários estádios porque passaria a família, no processo de adaptação ao alcoolismo. A tendência para desconfirmar a existência destas tipologias foi-se desenvolvendo, nomeadamente através dos trabalhos de Edwards, Haney e Whitehead⁷, mas a procura da psicopatologia associada às esposas de alcoólicos bem como a pesquisa de características típicas das mulheres companheiras de abusadores ou dependentes de álcool, ainda se encontra em alguma literatura^{8,9}. De entre essas características salientam-se elevados níveis de depressão, ansiedade e de queixas somáticas, bem como baixos níveis de satisfação relacional, aos quais se acrescentam vivências repetidas de abuso físico e verbal, e mais recentemente, níveis de resiliência. A década de 70 viu nascer o termo codependência, cunhado para definir o parceiro do dependente químico (seja ele alcoólico ou toxicodependente). Subjacente a este modelo está a noção de que os consumidores excessivos e suas parceiras desenvolvem relações complementares, nas quais cada um reforça as necessidades patológicas do outro, retomando alguns dos aspetos do modelo do distúrbio da personalidade que Edwards e seus colaboradores⁷ tinham

desacreditado uma década antes². Levado ao limite, o modelo da codependência defendia que todos os membros de cada família onde existisse um bebedor excessivo seriam perturbados psicologicamente, e que existiria uma síndrome de comportamentos de confronto mal-adaptados observados nestas famílias. Timmen Cermak¹⁰ descreveu a codependência como uma desordem de personalidade e outros autores caracterizaram-na como uma doença transmitida de geração para geração através de processos de aprendizagem². O conceito de codependência foi gradualmente questionado após larga disseminação, nomeadamente em outros domínios da experiência humana. A sua aplicação ao fenómeno da violência doméstica foi particularmente alvo de crítica. Mais recentemente vários autores têm apresentado modelos alternativos de compreensão do peso do uso problemático do álcool no stresse conjugal num registo de interdependência¹¹, tal como têm vindo a reforçar a produção teórica que defende a adição como um processo complexo cuja leitura implica a mudança de paradigma¹². Tal inflexão pressupõe que a abordagem de que a adição se sustenta exclusivamente no indivíduo induz limitações consideráveis na teorização, investigação e tratamento dos comportamentos adictivos¹³. A focalização predominante no nível individual de análise neurobiológica impede a consideração de outros importantes níveis adicionais de compreensão, nomeadamente quanto aos papéis das ações humanas individuais e coletivas, aos processos socialmente construtores da adição, e ao papel do género¹⁴. Com a consciência de que uma visão neurobiológica e psicológica sobre a adição ao álcool é insuficiente para compreender e intervir, subscrevemos as linhas teóricas que apontam a intencionalidade, os relacionamentos e a procura de significado como complementos indispensáveis à compreensão do comportamento humano. Assumimos assim uma perspectiva relacional enquadrada pelo construcionismo social. O conto de Lídia Jorge com o título *Marido*¹ é, na essência, a história de Lúcia, uma porteira, que partilha com o marido um pequeno décimo andar,

onde, apesar da sua dimensão, consegue ter espaço na varanda, debaixo de um pombal, para se abrigar da fúria dele quando chega alcoolizado. É um conto sobre a forma como Lúcia se vê a si, ao marido, aos vizinhos, e à sua relação com estes intervenientes na sua vida. É uma história sobre a sobreposição de fragilidades que começam cedo na sua vida e que contribuem para a precocidade da sua morte num dia em que sente, pensa e faz as coisas de modo diferente. A leitura e desconstrução deste conto afasta-se da visão clínica tradicional (ainda muitas vezes expressa no conceito de codependência). A grelha que escolhemos está centrada na perspetiva de Lúcia e na sua narrativa. Foi, pois, inserido no movimento narrativo de intervenção e pesquisa nas ciências sociais e humanas que nos enraizamos para iniciar este estudo. Inspirados em Roland Barthes¹⁵, para quem as narrativas no mundo são inumeráveis, com múltiplos géneros, presentes em todos os tempos e lugares onde existiu humanidade, reconhecemos que a narrativa pode ser então conceptualizada como construção, como movimento, como organizador, não só da experiência humana, mas também da vivência social e cultural.

METODOLOGIA

A abordagem utilizada no presente trabalho é de índole qualitativa e foi sustentada na totalidade do texto que constitui o conto *Marido*¹, com vista a responder à seguinte pergunta de partida. Quais os mecanismos inibidores do processo de tomada de consciência de uma situação de risco individual em sede conjugal e consequente adesão à mudança? Como objetivo geral, os autores consideraram problematizar, a partir da história de Lúcia, a manutenção de relacionamentos conjugais assentes em dinâmicas assimétricas de poder e potencialmente lesivas para a mulher. Como objetivos específicos, pretendeu-se identificar mecanismos inibidores do processo de tomada de consciência da mulher face a situações de risco individual em sede conjugal em casos de dependência alcoólica do companheiro e equacionar

estratégias a implementar pelos profissionais de saúde, facilitadoras da promoção e adesão à mudança por parte de mulheres vítimas de relacionamentos com companheiros com dependência alcoólica. Os dados foram tratados à luz da análise temática^{16,17}, um método fundamental na análise qualitativa, que permite identificar, relatar e analisar temas emergentes dos dados. Tal como outros métodos, a análise temática pode ser conduzida de acordo com diferentes paradigmas, nomeadamente, essencialista ou construcionista^{16,17}, seguindo abordagens dedutivas^{18,19} ou indutivas²⁰. O trabalho apresentado orienta-se por uma perspetiva construcionista, cujos pressupostos, de acordo com Conceição Nogueira²¹, remetem para: a) uma posição crítica face ao conhecimento fornecido como verdade objetiva, explicada à luz da natureza individual; b) a ideia de que as formas e os termos pelos quais o mundo é compreendido e cada um individualmente correspondem a derivações das (inter)relações entre as pessoas, permeáveis às especificidades históricas e culturais; c) as descrições do mundo ou do *self* são sustentadas ao longo do tempo devido às variações do processo social e não por uma validade objetiva; e d) o significado da linguagem deriva do seu modo de funcionamento inscrito nos padrões de relacionamento. Em termos de abordagens possíveis, a dedutiva tende a derivar do quadro teórico de base ou do interesse em investigar questões particulares^{18,19}. Esta forma de investigação poderá oferecer uma menor quantidade relativa à descrição dos dados em geral, mas antes uma análise aprofundada de diferentes aspetos presentes nos dados. Por outro lado, a abordagem indutiva, reporta-se a temas fortemente associados aos dados²², aproximando a análise temática à *grounded theory*. De acordo com esta abordagem, se os dados foram recolhidos especificamente para a pesquisa, por exemplo através da entrevista, os temas identificados podem não ter especial relação com as questões colocadas pelo investigador aos participantes, mas emergido durante o processo de recolha de informação. Poderão mesmo não estar relacionados com os interesses específicos do investigador no

âmbito da pesquisa que conduz naquele momento. Nesse sentido, a abordagem indutiva consiste num processo que não visa encaixar a informação recolhida em categorias pré-existent ou nas pré-suposições do investigador²⁰. O trabalho que se segue foi orientado por uma abordagem mista, no sentido em que foram considerados significados moderadamente explícitos e outros mais latentes. A leitura do *corpus* de análise não foi desprovida de intenções, até porque, conforme referido, havia um interesse específico relacionado com a questão de investigação, mas com a abertura suficiente para captar outros significados úteis para uma compreensão mais alargada e aprofundada de questões subjacentes aos dados. Tal significou uma abertura para analisar as entrelinhas, as possíveis suposições, as conceptualizações e as ideologias que pudessem, porventura, estar na base do texto, no caso concreto, no pensamento de Lúcia.

PROCEDIMENTOS

O objeto de análise foi a totalidade do texto que constitui o conto. Optámos por estruturar a análise temática numa perspetiva interseccional, o que significa, de acordo com Branco (2008), considerar o modo como diferentes conjuntos de identidades influenciam a forma como se acede aos direitos e às oportunidades, procurando compreender diversas experiências de opressão e de privilégio. No âmbito do processo de análise temática, foram ainda seguidas as fases propostas por Braun e Clarke^{16,17}, a saber: a) familiarização com os dados; b) início da codificação; c) procura de temas; d) revisão dos temas; e) definição e nomeação dos temas; e, por fim, f) produção do relatório.

RESULTADOS

Levados a cabo os procedimentos acabados de elencar pudemos organizar a informação recolhida e tratada de acordo com quatro temas principais, cada um deles composto por vários subtemas, e que estão esquematicamente apresentados na Fig. 1.

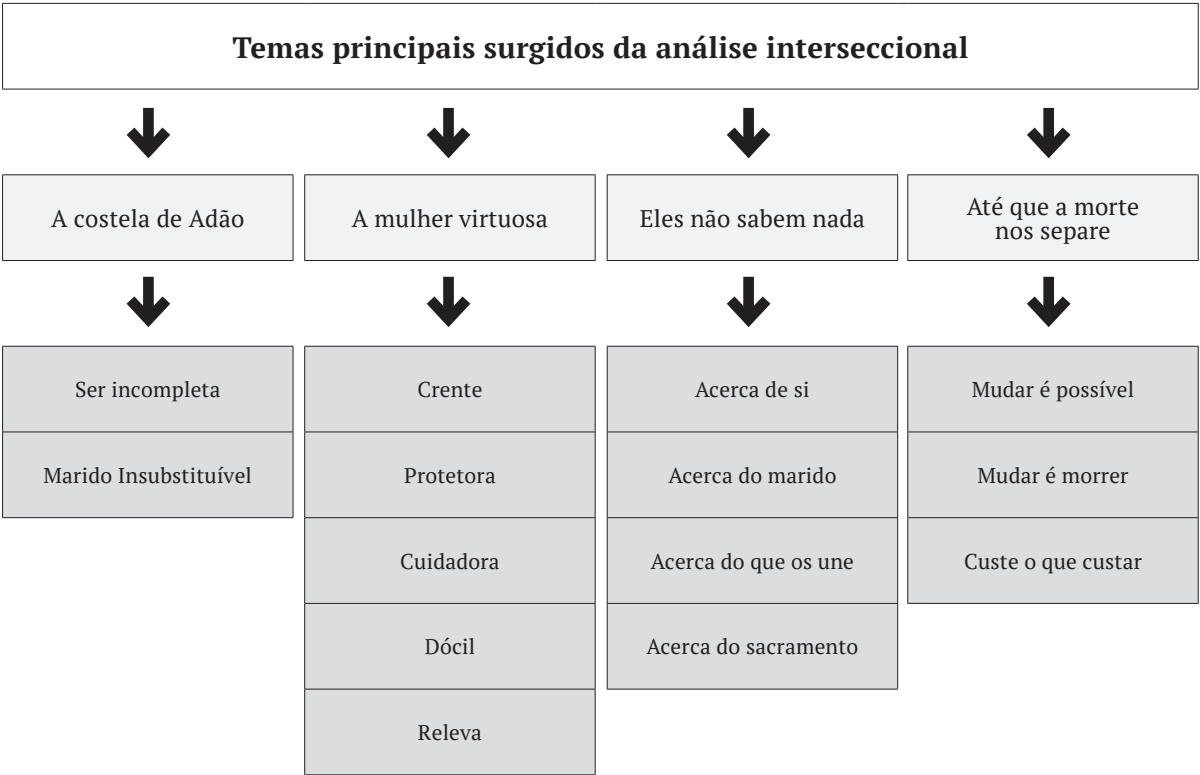


Fig. 1. Representação esquemática dos vários temas emergentes da análise interseccional

O tema *A costela de Adão* resulta da problematização de uma construção identitária feminina de si alicerçada no cumprimento de uma (di)visão tradicional de papéis de género que fragiliza o desenvolvimento crítico e a autodeterminação da mulher; o tema *A mulher virtuosa* ilustra a incorporação de um modelo de conjugalidade congruente com as normas convencionais do comportamento feminino ancoradas numa diversidade de estereótipos que, no geral, subalternizam a mulher; tema *Eles não sabem nada* reflete um padrão relativo a uma estrutura cognitiva habitada por esquemas de pensamento que dificultam o rompimento de um estado de pré-contemplação, isto é, a tomada de consciência face a um problema e, conseqüentemente, a mudança de comportamento; e finalmente, o tema *Até que a morte nos separe* sublinha o triunfo da violência

simbólica, leia-se, a consequência-limite do fracasso de intervenções que negligenciam a urgência de um trabalho colaborativo e sistemático de prevenção, consciencialização e intervenção em múltiplos sectores da sociedade.

TEMA 1: A COSTELA DE ADÃO

A história de Lúcia, a porteira, remete-nos para a constatação de como a construção de si pode refletir de forma vincada os estereótipos de género. Lúcia constrói-se, desde criança, como metade e não como unidade. Como incompleta que se pensa e sente (subtema), Lúcia assume, desde cedo, a necessidade de um homem, de um marido que lhe confira sentido como pessoa e

dê significado à sua existência. Tal como Eva se reconhece, na sua essência, como uma das costelas de Adão, também Lúcia se percebe através do marido, substantivo necessário e suficiente, tal como mostram as seguintes passagens discursivas:

Se, mal tinha deixado de ser criança, já procurava um homem, era porque de facto metade de si andava nesse homem desde sempre. (p. 18).

Que ideia triste aquela de a assistente social dizer que uma mulher é um ser completo. (p.18).

Assim se compreende que o marido surja como insubstituível (subtema), como figura que delimita os passos de Lúcia, as suas aspirações, os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. Limita, inclusive, o seu medo. Na sua masculinidade, enquanto detentor único de um conjunto de atributos e competências que são exclusivas da sua masculinidade hegemónica e que ela jamais deterá. Também neste domínio ela permanecerá incompleta, dependente, conforme testemunha a próxima passagem discursiva:

Quem atarrachava as lâmpadas do tecto? Quem tinha força para empurrar os móveis? Quem espantava os ladrões de carros com dois tiros para o ar, do alto da varanda? Quem desarmava a cama, empurrava o frigorífico, consertava o carro quando avariava? (p.18).

TEMA 2: MULHER VIRTUOSA

Em múltiplos aspetos, Lúcia configura-se como modelo da visão convencional do que é ser feminina: submissa, dependente, sensível, afetuosa, resigna-se às vicissitudes das suas noites e madrugadas, bem como às da sua vida em geral. Como porteira, atrai as atenções dos restantes condóminos quando estes percebem os ruídos que vêm do 10.º andar, a ponto de alguns deles se disporem a ajudá-la a sair daquela situação de risco. Inconcebível. Do texto extraíram-se cinco subtemas que ilustramos com as respetivas passagens discursivas:

Crente:

A porteira aos cinco (minutos) para as cinco da tarde acende uma vela, põe as mãos pedindo que ele (o marido) chegue antes do jantar. (p.13)

É com a voz muito doce que a porteira ao cair da noite se põe a chamar à janela pela Regina [referindo-se à Nossa Senhora] (...). (p.15)

Protetora:

Ela chama a Regina [referindo-se à Nossa Senhora] para (...) proteger o marido, antes de a proteger a ela e à casa. (p.13)

Aí, (na saleta) bem poderia ele dormir antes do jantar, e não estaria em perigo. (p. 12)

Ela não vai, por sua causa particular, incomodar tanta gente que logo abriria a janela reclamando o chamado da porteira ao invocar a Regina (...). (pp.15-16)

Cuidadora:

Ela é que o vestia, ela é que determinava a comida. (p.19)

Depressa lhe tira os sapatos, esfrega-lhe as mãos, massaja-lhe as pernas. (p.22)

Dócil

A porteira tem imensa doçura. (p. 15)

Que releva

O seu homem tinha um bom carácter. Primeiro, porque fora a bebida nunca tinha querido bater nem matar, como tantos há. (pp.18-19)

Que importava então que viesse com os olhos mais luzidios, e de vez em quando a chamasse daquele jeito, estendendo o seu nome de Lúcia como um brado, perseguindo-a? era só aquele instante em que gritava na sala da televisão, e enquanto a procurava na varanda, ao todo uns quinze minutos de sobressalto. (pp. 20-21)

Como é bonito o lábio roxo do marido, sem som, sem bafo. Ela até gosta do bafo a óleo e álcool. (p.22)

TEMA 3: ELES NÃO SABEM NADA

Quando vários dos condôminos se dispuseram a ajudar Lúcia, roubaram-lhe a doçura porque desrespeitaram a sua identidade construída com e, sobretudo, através do marido. Propunham-lhe o sacrifício de si própria, do seu marido, da sua união e de um sacramento. Ao oferecerem-se para a estimular a sua autodeterminação, para a guiarem em direção à independência e à segurança, não a comovem nem a demovem, pois, as propostas de ajuda que cada um lhe faz ameaçam a construção pessoal e social que foi fazendo da sua relação: a vivência conjugal e emocional é uma (con)vivência com o álcool, que ela culpa para poder desculpar o marido. Por outro lado, a presença do álcool viabiliza a aceitação do comportamento agressivo e desajustado do companheiro, legitimando a violência. E isso os inquilinos não entendem, porque não sabem nada.

Acerca de Si:

Ela pôs-se a pensar (...) que os habitantes daquele prédio de que era porteira lhe estendiam um tapete de negrume e solidão (...) pensou como (...) seria triste a vida de porteira sem um marido que viesse da oficina-auto com o seu fato-macaco por tratar. (...) por quem iria ao talho, de quem falaria quando fosse às compras, para quem pediria proteção quando cantasse à janela por Salve Regina. (p.18)

Os inquilinos não viam isso. (p.19)

Ainda por cima tinham-lhe falado como quem concede e dá uma prenda, ou faz uma surpresa. Não, na verdade, não queriam ajudar a porteira. (p.20)

Acerca do marido:

A porteira entendeu que se haviam congregado todos contra o seu homem e perdeu a doçura nesse dia mesmo. (p. 17)

Quantos mais, naquela paróquia, deixavam que a mulher se entregasse à devoção? (...) O marido da porteira nunca procedera assim. (p. 19)

“(...) ela escondia o dinheiro onde ele nem sabia, e ele nem lho pedia nem queria ver. (p.19)

Acerca do que os une:

A vida apareceu-lhe completamente absurda, como se todos se tivessem combinado para lhe arrancarem metade do corpo. (p. 18)

Ah, como nos quiseram separar! Ainda tremo, marido. (p.21)

Apetece-lhe cuspir contra o conluio dessa gente. (p.20)

A porteira (...) nunca dará um passo para se separar do marido. Pensando nisso, chega a sentir um sentimento incristão. (p. 20)

Acerca do valor do sacramento:

Um sacramento é mais do que um homem, e nem parte dele perece na terra. (17)

TEMA 4: ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

A história e a vida de Lúcia param, para depois mudarem de direção quando esta se apercebe de tudo o que implicaria a aceitação da ajuda dos vizinhos/inquilinos. A viragem dá-se quando decide comprovar a si própria, sem ajuda divina, de que ela tem estado errada no comportamento que manifesta quando o marido chega embriagado. É mais fácil duvidar de si, de todas as suas experiências passadas escondida na varanda do pomal do que aceitar que a separação é para ela, para eles. Nesse momento decide mudar, invertendo as suas atitudes, optando tranquilamente por encerrar o marido quando este chegar alcoolizado. Em detrimento de tudo o que já viveu, negando o que anos de convívio lhe mostraram, espera/crê estar enganada, pois se tal acontecer os inquilinos

não terão razão. O casamento não se questiona. Quando o marido chega alcoolizado, as expectativas de Lúcia cumprem-se: sem gritos, sem correrias, o marido surpreendido e em silêncio parece pacificado. Mas as pessoas dificilmente mudam, muito menos quando o álcool lhes altera a forma como se veem a si e aos outros.

Mudar é possível:

Não fugirá para o terraço, não permitirá que ninguém lhe oiça os passos, nem correrá diante dos brados do marido. (p.21)

Com jeito, ela há-de acalmá-lo, em silêncio. (p.21)

Pensando nessa doce mudança quase se deixa dormir. (p.21)

Afinal o que o marido queria não era incendiar-lhe o cabelo, mas antes acender a vela. (p.23)

Mudar é morrer:

Ele toma a vela, traz a vela do Rex e da Regina até junto da porteira, puxa-lhe a roupa, aproxima a vela da camisa de nylon, com brilho e em silêncio. Ateia. Ateou? Ateou a camisa? Ela vira-se, sai da cama, esfrega-se na parede, o fogo primeiro não alastra, depois de repente alastra, cola, passa ao cabelo, ela remove-se no chão, na carpete da sala, junto da porta, ainda abre a porta. (...) A chama da porteira sai pela escada de serviço abaixo. (p.24)

Custe o que custar:

Levem-na Regina e Rex, com vossas quatro mãos, vossos quatro pés, deste lacrimarum valle, eia ergo, ad nos converte. (p.24)

Levam-na sem ruído, sem sirene, sem apito, sem camisa, sem cabelo, sem pele (...). (p.24)

O desfecho desta história aproxima-se do que vários autores vêm escrevendo sobre género e violência em contextos de consumo excessivo

de álcool pelo marido/homem, em que o preço a pagar pela permanência pode ser muito alto. Sendo o processo de construção identitária um processo temporal, facilmente percebemos que no passado de Lúcia sobressaíram narrativas de incompletude, de incapacidade de autodeterminação, social e culturalmente construídas, que, arrastadas para o presente, asseguram a sua sobrevivência escondida da vida e do marido, quando se nega a aceitar ajuda, ou se refugia literalmente debaixo do pombal. Trata-se de uma sobrevivência em que a mudança é dissonante, principalmente quando proposta em formato de rutura com a estrutura identitária que a organizou no passado e no presente. Para Lúcia, a mudança nunca poderá residir numa avaliação contextual da sua situação. Quando pensa que pode mudar é no sentido da confirmação do passado e do presente, refém de estereótipos e crenças que conhece desde sempre como fazendo parte de si. Desta forma, o futuro, enquanto projeto de questionamento e mudança dificilmente tem lugar, tornando inevitável o cumprimento de um destino que já vem traçado, que a consome e em que se consome.

CONCLUSÕES

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”²³. Esta célebre passagem do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir²³, sugere que o sexo não é um destino inexorável, mas sim que a cultura e a sociedade definem os espaços que os sexos ocupam²¹. De acordo com esta perspetiva, pensar o género e a dinâmica conjugal como um fenómeno meramente natural, desligado da história, da sociedade e da cultura, para além de redutor, é problemático²⁴. Na verdade, a feminilidade (tal como a masculinidade) constituem formas de pensar, dizer e fazer, socialmente construídas em diversos planos da vida em sociedade, incluindo os das relações entre

homens, entre mulheres e entre homens e entre mulheres²⁵. Tal significa assumir que na vida de cada pessoa existe uma sequência temporal no decurso da qual a mesma é induzida a tomar parte na dialética da sociedade²⁶, observando e cumprindo, sob pena de vir a ser punida, todo um dispositivo de normas e regras sociais de acordo com o seu sexo. A análise do conto *Marido*, centrada na visão de Lúcia e na sua narrativa em torno da dinâmica conjugal focalizada nos cuidados para com o seu marido alcoólico de modo a protegê-lo de si e dos outros e no juízo que faz do seu casamento, ilustra, de modo exemplar, a incorporação da violência simbólica²⁷, instituída por intermédio de uma consciência de si em função do seu marido como alguém que não apenas a completa, como dá sentido e utilidade à sua existência. Os esquemas de pensamento que Lúcia utiliza para se perceber e se apreciar resultam da incorporação das classificações das quais o seu ser é produto²⁷, não lhe permitindo pensar-se na sua individualidade. Como Boonzaier²⁸ refere quando está em causa o abuso de mulheres, estas optam umas vezes pela construção da perspetiva hegemónica de género, e outras vezes conseguem resistir-lhe. O álcool, neste processo, assume uma vertente iluminadora destas dinâmicas, enquanto intensificador emocional das relações que se estabelecem no casal, mas ao mesmo tempo obnubila os limites entre o que é individual e o que é social, dado o seu peso cultural e tradicional, também com expressão na diferenciação dos géneros. Na abordagem que apresentámos, o álcool não pode ser diabolizado. É mais uma condição que configura a identidade do marido, e que dá tonalidade à relação que os aprisiona. Para Lúcia é o bode expiatório e o único entrave ao seu casamento.

Subscrevemos Boonzaier²⁸ quando refere que o acesso às narrativas sobre a violência nas relações de proximidade se tem mostrado útil na investigação. O conto analisado exibe um potencial imenso de reflexão não só sobre a dinâmica dos personagens, como também sobre os outros agentes que participam nestas narrativas. Na história de Lúcia a ajuda de um médico, de um advogado e de uma

assistente social (todos vizinhos) foi rejeitada. Fica aqui a ressalva de que estes personagens não foram por ela ouvidos. Por motivos dela e por motivos deles que nos fazem refletir não só sobre as estratégias de motivação para a mudança que estão no repertório destes profissionais, mas também sobre a linguagem usada, como instrumento de construção individual e social. Nas palavras de Lúcia “(Para eles) ... de facto era tudo uma questão de papéis” (p.16). Finalmente gostaríamos de realçar a manutenção da atualidade do tema - género, álcool e violência – transposto na escrita de Lídia Jorge em 1997, cuja análise qualitativa permitiu a desconstrução de uma visão tradicional, classificadora e redutora do que é experienciar a conjugabilidade em presença do álcool e da violência, abrindo novos desafios a quem escuta profissionalmente estas vozes, leia-se estas vidas, com vista a definir colaborativamente processos de mudança.

Declaração de conflitos de interesse: os autores declaram não ter nenhum conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

1. JORGE, Lúcia. *Marido e outros contos*. Lisboa. Dom Quixote, 1997.
2. TEIXEIRA, Zélia. *Construção e Validação de uma narrativa protótipo para a dependência alcoólica*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 2004.
3. KALASHIAN, Marion. M.. "Working with the wives of alcoholics in an outpatient clinic setting". *Marriage and Family*, v. 21, p. 130-133, 1959.
4. WHALEN, Timothy. Wives of Alcoholics: four types observed in a family service survey. *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*, v.14, p. 632-641, 1953.
5. WISEMAN, Jacqueline P.. *The other half- Wives of alcoholics and their social-psychological situation*. New York: Aldine de Gruyter, 1991.
6. JACKSON, Joan. "The adjustment of the family to the crisis of alcoholism". *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*, v. 15, p. 562-586, 1954.
7. EDWARDS, Peter, HANEY, Christopher ; WHITEHEAD, P.C. "Wives of alcoholics: a critical review analysis". *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*, v.34, p. 112-132, março 1973.
8. DANDU, Aruna, BHARATHI, S., & DUDALA, Shankar Reddy. Psychiatric morbidity in spouses of patients with alcohol related disorders. *Journal of family medicine and primary care*, v.6, n. 2, p. 305-310, abr/jun 2017.
9. JOHNSON, Pradeep. R. et al.. "Resilience in Wives of persons with Alcoholism: An Indian exploration". *Indian journal of psychiatry*, v. 60, n.1, p. 84-89, 2018.
10. CERMAK, Timmen. *Diagnosing and treating co-dependency*. Minnesota: Johnson Institute Books, 1986.
11. RODRIGUEZ, Lindsey M.; NEIGHBORS, Clayton; KNEE, C. Raymond. "Problematic alcohol use and marital distress: An interdependence theory perspective". *Addiction Research & Theory*, v. 22, n. 4, p. 294-312, 2014.
12. ALEXANDER, Bruce K. "Addiction: The urgent need for a paradigm shift". *Substance use & misuse*, v.47, n.13-14, p. 1475-1482, nov/dez. 2012.
13. SELBEKK, Anne Schanche; SAGVAAG, Hildegunn, & FAUSKE, Halvor. "Addiction, families and treatment: a critical realist search for theories that can improve practice". *Addiction Research & Theory*, v. 23, n. 3, p.196-204, 2015.
14. GRAHAM, Matthew D.; YOUNG, Richard A.; VALACH, Ladislav; WOOD, R. Alan. "Addiction as a complex social process: An action theoretical perspective". *Addiction Research & Theory*, v. 16, n.2, p. 121-133, 2008.
15. BARTHES, Roland. *Poétique du récit*, Paris: Editions du Seuil, 1977.
16. BRAUN, Virginia, & CLARKE, Victoria. "Using thematic analysis in psychology". *Qualitative Research in Psychology*, v.3, n. 2, p. 77-101, julho 2008.
17. BRAUN, Virginia, & CLARKE, Victoria. *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London: DC: SAGE Publications, 2013.
18. BOYATZIS, Richard. E. *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1998.
19. HAYES, Nicky (1997). *Theory-led thematic analysis: Social identification in small companies*. In HAYES, Nicky (Ed.), *Doing qualitative analysis in psychology*. Erlbaum: Psychology Press, 1997. p. 93-114.
20. FRITH, Hannah; GLEESON, Kate. *Clothing and embodiment: men managing body image and appearance*. *Psychology of Men and Masculinity*, v.5, p. 40-48, Janeiro 2004.
21. NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de género. Perspectiva feminista crítica na psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2001.
22. PATTON, Michael Quinn. *Qualitative evaluation and research methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1990.
23. BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo II. A experiência vivida*. Lisboa: Quetzal, 2008.
24. SANTOS, Luis. *Tornar-se homem: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online*. Tese de Doutoramento em Psicologia Social. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2009.
25. AMÂNCIO, Lígia Barros. *Masculino e feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
26. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro, 2004.
27. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
28. BOONZAIER, Floretta. "If the Man Says you Must Sit, Then you Must Sit": The Relational Construction of Woman Abuse: Gender, Subjectivity and Violence. *Feminism & Psychology*, v.18, n.2, p. 183-206, maio 2008.



adictologia

Associação Portuguesa para o Estudo
das Drogas e das Dependências

Revista da Associação Portuguesa de Adictologia
Nº10 • 2025